

Acervo Iconographia/1968

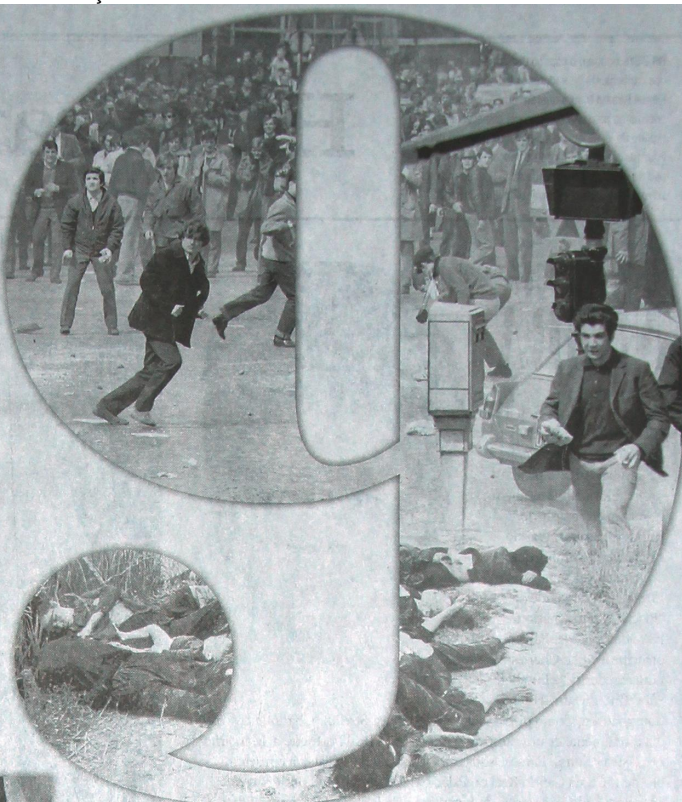
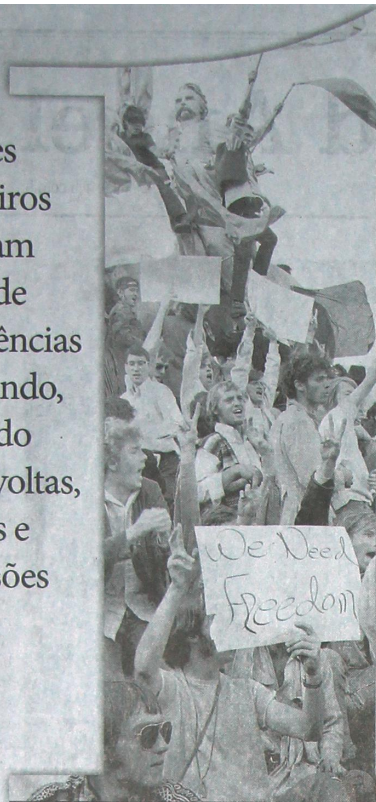


Manifestação contra acordo entre Ministério da Educação e EUA

B Tempo de repensar 1968

Livros analisam as várias transformações sociais e revoltas políticas do ano mais marcante da segunda metade do século 20. **Págs. 4 e 5**

Autores brasileiros abordam o ano de turbulências no mundo, marcado por revoltas, sonhos e desilusões



Corpos e afetos sob o viés do exílio

MÔNICA RIANI
monica.riani@jb.com.br

Autora de "Rio-Paris-Rio" (Editora Rocco), seu segundo romance, a escritora Luciana Hidalgo

- ganhadora de dois prêmios Jabuti pela biografia de Arthur Bispo do Rosário (Editora Rocco) e o ensaio "Literatura da urgência - Lima Barreto no domínio da loucura" (Annablume, 2008), parte dos protestos de Maio de 1968 para seu livro, que amplia circulação mundo afora.

Selecionada pelo programa de residência para escritores da Maison des Écrivains Étrangers et Traducteurs de Saint-Nazaire, na França, entrou para a Seleção FNAC, exposto com destaque nas recomendações da rede de livrarias, ao lado de obras célebres da literatura brasileira, como "A paixão segundo G.H.", de Clarice Lispector. Tem sido amplamente acolhido por professores-pesquisadores em suas investigações acadêmicas sobre literatura e ditadura.

"O Maio de 68 foi o estopim da minha ficção. Queria falar sobre a ditadura também sob o viés do exílio, daí a ideia de escrever quase todo o romance na Paris de 1968. Meus personagens, Maria e Arthur, moram na França, mas a distância não apaga as marcas do autoritarismo militar no Brasil: ela é neta de um general envolvido diretamente no Golpe de 1964, ele é filho de um jornalista comunista. Os dois, muito jovens, vivem uma paixão explosiva, flinando pela cidade do cartão-postal, dos monumentos e museus, das ruas habitadas por artistas e boêmios. Mas, quando as manifestações dos estudantes franceses no Quartier Latin acontecem, há uma quebra", situa.

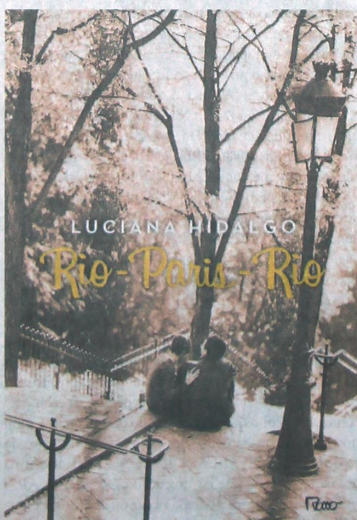
Maria estuda Filosofia na Sorbonne, Arthur é poeta e artista de rua. Eles se conhecem numa festa que o personagem Marechal dá em seu apartamento, no prédio em que a estudante mora e de onde ela se conecta com o Brasil, ouvindo "Alegria, alegria", de Caetano Veloso, e visitando suas reminiscências do país distante enquanto estuda a obra de Descartes.

Em "Rio-Paris-Rio" Maria e Arthur percebem que, no momento em que os conflitos irrompem, são apenas estrangeiros, estranhos, intrusos, penetras na grande festa que era Paris. "Escrevi os capítulos em que Maria, Arthur, Pablo (fugido do regime fascista na Espanha), José (fugido do autoritarismo de Salazar, em Portugal) e Marechal (filho de um militar brasileiro de esquerda) se juntam aos estudantes franceses no Boulevard Saint-Michel, tentando mostrar o deslocamento de exilados estrangeiros numa luta que não era deles", ilustra a autora.

Final, o movimento dos alunos de Nanterre e da Sorbonne tinha começado como uma simples revolução de costumes, de comportamento, com exigências quase singelas do tipo: meninos queriam frequentar os quartos das meninas. "É claro que depois o Maio de 1968 tomou grandes proporções, com a adesão de operários e trabalhadores em geral, chegando a literalmente parar a França com greves nos setores básicos de produção. Mas a situação no Brasil era tão, tão mais grave! E historicamente



Caio Meira/Divulgação



Livro de Luciana é adotado por acadêmicos

não há como ignorar uma 'coincidência': exatamente em junho de 1968 estudantes fizeram manifestações no Rio, com reivindicações que de início também se restringiam a questões universitárias", complementa.

O romance já é leitura obrigatória em pelo menos dois cursos em universidades brasileiras: "Tópicos especiais em prosa III", na Universidade de Campinas (Unicamp), e "Ditadura, diáspora e exílio", na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Também já foi citado em duas publicações recentes: "Arquivos da ditadura" (Eduerj), de Euridice Figueiredo (Universidade Federal Fluminense/UFF), e "Crônicas do golpe" (Record), de Felipe Pena. Recentemente, a poeta americana Rachel Morgenstern-Clarren fez uma tradução primorosa do primeiro capítulo de "Rio-Paris-Rio" para o inglês, publi-

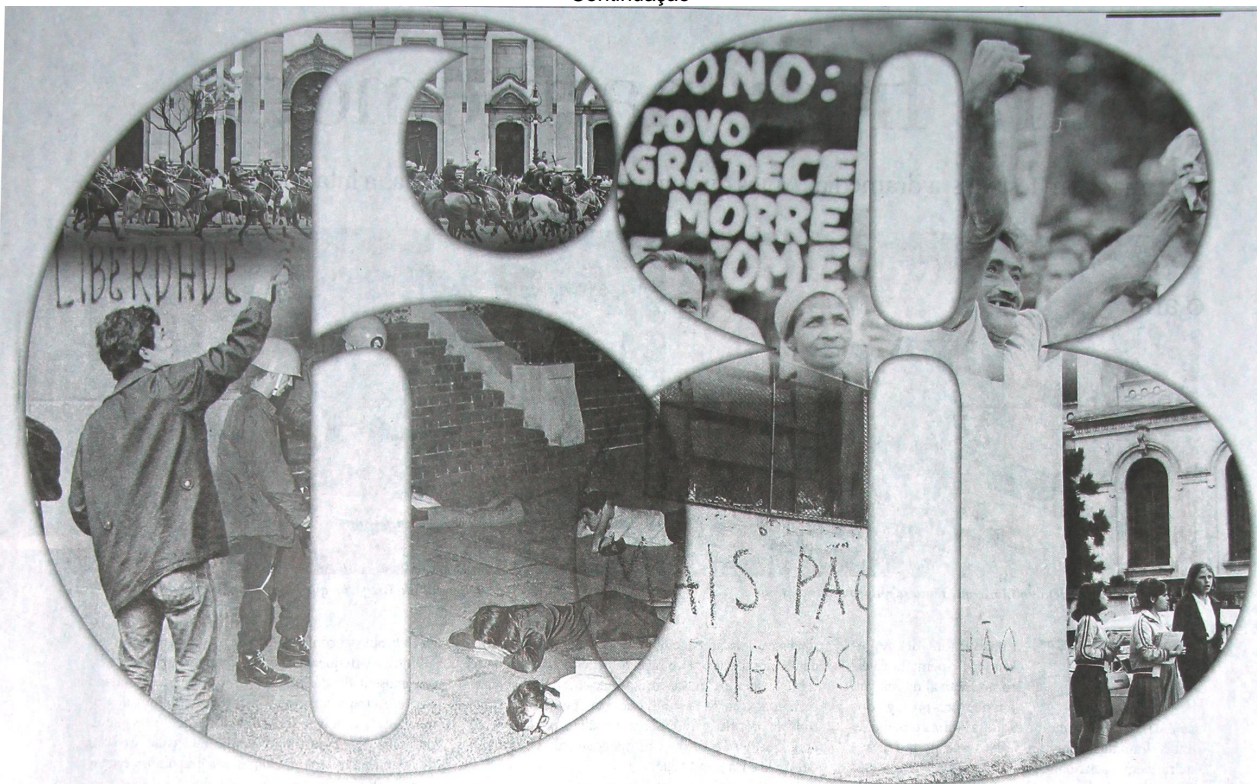
cada recentemente na revista de literatura americana The Offing (<https://theoffingmag.com/translation/rio-paris-rio-chapter-1/>).

Luciana nasceu em 1965, um dos motivos que também a levaram a abordar o período. "Era um Brasil recém-golpeado pelos militares. Passei a infância sem perceber como a ditadura incidia sobre as rotinas, os corpos e os afetos que me rodeavam. Com o medo imposto pelo regime militar, a censura à imprensa e o boicote a qualquer arte minimamente reflexiva, fui uma das tantas crianças alienadas, crescidas num regime totalitário que controlava até – e sobretudo – o pensamento. Fomos norteados por uma moral e um comportamento militarizado, principalmente na escola, onde se sucediam hinos nacionais, homenagens à bandeira e o ensino de matérias como 'Educação Moral e Cívica'. Só descobri o horror da ditadura na adolescência, quando li 'O que é isso, companheiro?' de Fernando Gabeira", conta.

Formada em Comunicação, Luciana começou a vida de repórter no JORNAL DO BRASIL. Dosar verdade e ficção foram uma constante no discurso da escritora. "Com certeza 'Rio-Paris-Rio' tem um pouco de tudo o que já estudei, li, pesquisei, trabalhei, tanto da prática de repórter em grandes jornais quanto da carreira acadêmica na área de literatura, quando aprendi a ver tudo com mais complexidade e exercitei a pesquisa com todo o rigor da universidade", reflete. Luciana fez pesada pesquisa para o romance, tanto no Brasil quanto na França, onde morou durante anos e pôde ler diversos títulos sobre o Maio de 68, além de consultar, por exemplo, os arquivos do jornal 'Le Monde', para ler a cobertura do movimento, dia após dia, em detalhes.

A partir deste manancial, o desenho dos personagens foi definido. "Apesar dos personagens serem ficcionais, a reconstituição histórica que faço é bastante fiel aos fatos: as barricadas, a repressão da polícia, e até detalhes como o apoio de alguns moradores do Quartier Latin que, solidários aos estudantes, jogavam água para aliviar neles o efeito do gás lacrimogêneo. Ou abriam os portões de seus edifícios para que entrassem e escapassem dos policiais. Cenas muito bonitas, reais, que quis levar para a ficção".

A absurda afinação entre 1968 e 2018, com pontos de contato de golpes políticos, supressão de direitos dos trabalhadores e garrote no avanço das democracias, não poderia ser previsto ao longo do processo de escrita. "Mas devo dizer que um fato macabro, talvez profético, aconteceu durante a pesquisa: em março de 2014, no cinquentenário do Golpe de 1964, um coronel do Exército resolveu confessar à Comissão Nacional da Verdade que havia torturado e assassinado militantes de esquerda. Diante da confissão inédita de um militar, pensei que aquilo deflagraria enfim uma mea culpa por parte das Forças Armadas. Que nada. Um mês depois, o tal coronel foi assassinado. Isso me chocou demais e soou como mau presságio", lembra.



Almanaque da insubmissão

ANDRÉ DUCHIADE
andre.duchiade@jb.com.br

Dez anos se passaram desde o lançamento de “1968: eles só queriam mudar o mundo”. Para

comemorar meio século do emblemático ano, a Zahar reedita o livro dos jornalistas Regina Zappa e Ernesto Soto dedicado ao tema. Exceto por um prefácio inédito de uma página, a obra permanece a mesma. A recepção, no entanto, tem sido muito diferente:

“O interesse agora é muito maior do que há dez anos”, diz Regina. “Atribuímos isso ao momento que vivemos, em que ocorre um retrocesso conservador em todos os lugares. Além do que acontece no Brasil, há Trump nos Estados Unidos, partidos de extrema-direita chegando próximos ao poder na França, entre outros. O desejo de resistir a isso pode explicar o interesse na obra”.

Fartamente ilustrado e definido pelos autores como um almanaque, o livro conta os acontecimentos do Brasil e do mundo mês a mês. De acordo com a dupla, que participa de bate-papo hoje às 20h na Livraria da Travessa do Shopping Leblon, a proposta foi organizar a obra com lógica similar à da internet.

Ao lado da narrativa principal, boxes trazem depoimentos, análises, anedotas e letras de música. Elenco estelar contribui com textos, de Chico Buarque a José Dirceu, de Lúcia Murat a Domingos de Oliveira.

“É um período efervescente, cheio de acontecimentos em contextos e lugares muito diferentes. Quisemos fazer essa pesquisa porque a data causava muita curiosidade, sobretudo entre pessoas mais jovens. Ao longo do caminho fomos descobrindo que tinha acontecido muito mais coisa do que imaginávamos. Há episódios muito conturbados e tensos, mas o pano de fundo é sempre de rebelião e desejo de mudança”, diz Regina.

Das barricadas a ‘O bebê de Rosemary’

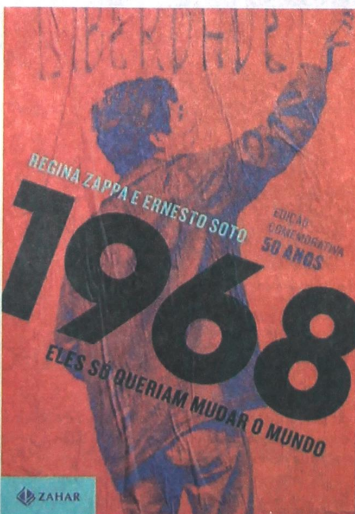
Como não poderia deixar de ser, estão lá os episódios que viriam a se tornar símbolo das esperanças da época, como os protestos contra a Guerra do Vietnã nos Estados Unidos, as barricadas em Paris em maio e a Passeata dos Cem Mil no Rio.

Há, também, aqueles que representariam os infortúnios e as desgraças da geração: os assassinatos de Bob Kennedy e de Martin Luther King, o massacre de Mý Lai, o AI-5. A ideia é apresentar a multiplicidade da era a quem não a viveu, das inovações de Yves Saint-Laurent na moda ao pensamento da Escola de Frankfurt, da Teologia da Libertação a “O bebê de Rosemary”, de Geraldo Vandré à Primavera de Praga.

“O ano de 1968 é diferente de todos os outros do século passado. A característica que o torna singular é a quantidade espantosa de acontecimentos importantes no espaço de um ano. Ele continua repercutindo até hoje, sem que as pessoas saibam defini-lo”, diz Ernesto, ator ele mesmo desse intenso agora: em



Foto: Diogo Pereira / Divulgação



Ernesto e Regina estarão na Travessa do Leblon hoje

1968, era jornalista do Correio da Manhã e militante do MR-8.

No livro, os autores contam como parte da turbulência começou de modo súbito e inesperado, como por exemplo os episódios de maio em Paris, cujo princípio remonta a demandas de estudantes da universidade pela democratização do ensino universitário. A emergência da Primavera de Praga, comumente descrita como uma tentativa de “dar uma face humana” ao socialismo na Tchecoslováquia, por sua vez, também foi intempestiva e envolve exigências estudantis.

Os episódios fazem pensar nas Jornadas de Junho

de 2013 no Brasil, quando protestos contra o aumento do transporte em capitais escalarão para um movimento amplo e difuso, envolvendo milhões de pessoas país afora. Em relação a possíveis similitudes, os autores do livro divergem:

“Me fazem muito essa pergunta, mas só percebo duas semelhanças entre junho de 2013 e 1968. A primeira é que as pessoas foram para a rua. A segunda talvez diga respeito ao antigo movimento francês, mas não ao brasileiro: há quem diga que a rebelião por lá começou porque os estudantes estavam entediados. Tudo ia bem, havia prosperidade. Quando tudo bem, você vai lutar pela felicidade. Isso pode ser relacionado ao Brasil de 2013”, diz Regina.

“Fora isso, não vejo mais nada, porque, em junho, não havia movimento coeso. Os protestos ali começaram com um movimento relacionado a passagens de ônibus, mas havia uma questão antipartidária agressiva, muito diferente. As reivindicações eram diferentes, era contra tudo isso que está aí. Isso foi a origem do golpe que veio depois”, acrescenta.

Ernesto, por sua vez, não estava no Brasil há cinco anos, mas percebe semelhanças: “Vendo à distância, entendo que o movimento aqui começou banal, contra a passagem de ônibus. A partir daí as pessoas foram para a rua e espontaneamente surgiram palavras de ordem que superaram o marco inicial contra o aumento do ônibus. Eu acho que há semelhanças entre isso e o Maio Francês e a Primavera de Praga. Em todos os casos, conforme cresce o número de manifestantes, radicalizam-se as exigências”.

É inútil revoltar-se?

No fim do livro, o tom é um pouco agridoce, com o endurecimento da ditadura no Brasil, a consagração de De Gaulle nas urnas e a repressão soviética na Tchecoslováquia, entre outros. “O mundo não mudou como se queria. Sonhava-se com a liberdade sem limites, o socialismo de rosto humano, a cidadania solidária, a justiça social, o fim de todo tipo de discriminação e repressão e a paz para se viver todos os amores. Muitas dessas utopias ficaram para trás como desejos singelos”, escrevem os autores.

Isso deixa uma pergunta no ar: é inútil revoltar-se? “O que aprendo é que não adianta se revoltar, conseguir algumas coisas, sentar no sofá e deixar os problemas para lá. A revolta e o estado de inquietação têm de ser permanentes, seja na idade que for”, afirma Regina.

Ernesto concorda: “É justo revoltar-se contra o aumento da passagem de ônibus, mendigos na rua ou qualquer coisa que não seja justa. É claro que há diversas formas de fazer isso, desde a desobediência pacífica até pegar em armas contra regimes extremos. Mas a rebelião faz parte da vida: se você não se insurge, está deixando de viver”.